

## A numeração em povos iletrados: *Bochimanes de Angola e Macondes de Moçambique* (1)

por M. Viegas Guerreiro

Os *Bochimanes*, que são gente de pequena estatura e de cor amarelo-terrosa, vivem, hoje, confinados aos plainos semi-desérticos e desérticos do Sul de Angola, Sudoeste Africano e Calaari. Ocuparam outrora toda a região do Sul de África, de onde se dizem oriundos. Seu número é diminuto: uns 60.000 indivíduos, cerca de 10.000 dos quais em Angola. São, no conceito dos Bantos vizinhos, os selvagens ou bárbaros de África, do que se poderá concluir que não há povo, por primitivo que pareça, que se não julgue com direito aos seus «bárbaros».

Os *Bochimanes* de Angola, que constituem objecto deste estudo, designam-se a si próprios de *!Kung*. Deambulam pelo território imenso de entre Cunene e Cuando, separados pelo rio Cubango em duas grandes facções, que se não conhecem uma à outra. Os Bantos chamam *Vakwankala* aos que ficam a Ocidente e *Vassekele* aos de Leste.

Os *Macondes* são povo banto há muito estabelecido no planalto do seu nome, no extremo Norte de Moçambique. Corre já mundo a fama da sua escultura e não é menos conhecida, na África Austral, a sua vigorosa personalidade.

### NUMERAÇÃO BOCHIMANE

Os nossos *!Kung* (1) sabem contar pelos dedos como todos os povos, iletrados ou não. Só até 10 e do modo seguinte: levam o dedo mínimo da mão esquerda aos lábios e logo os outros, sucessivamente, e o mesmo com a direita, batendo finalmente com as palmas uma na outra, de dedos estendidos e unidos. Dez é total que raramente se atinge.

A numeração mímica corresponde uma pobríssima numeração falada. Os *Vakwankala* têm estes adjectivos numerais:

*ka / ne* (2) — um

*ka tcha* — dois

*ka ko* — três

E poucos são os que usam *ka ko*. Os *Vassekele* empregam *!nwoná* em vez de *ka ko* (3).

Postos a contar, sem o auxílio dos dedos, dizem os dois ou três primeiros numerais, parecendo que não podem conceber abstratamente números maiores; e voltam-se então aos dedos. Ouvi de *Vakwankala* seriações diversas e até no mesmo indivíduo de um momento ao outro. Não consegui que ultrapassassem com palavras o número 5, ficando alguns em 3 e 4. Exemplos:

(1) ! é sinal que representa um clique palatal, ruído a modo de estalo, típico da língua bochimane.

(2) /, outro sinal de clique, este dental.

(3) D. F. BLEEK, «Bushmen of Central Angola», in *Bantu Studies*, vol. III, n.º 2, Julho de 1928, p. 110.

(1) Este artigo veio para aqui por sugestão e pedido do meu colega e amigo Dr. José da Silva Paulo. De um seu questionário resultam algumas das reflexões expostas.

- a) *ka/ne* — um  
*ka tcha* — dois  
*ka ko* — três  
*ka tcha ka tcha* — quatro (dois e dois)  
*ka tcha ka tcha ka/ne* — cinco (dois e dois e um)
- b) *ka/ne* — um  
*ka tcha* — dois  
*ka tcha ka/ne* — três (dois e um)  
*ka tcha ka/ne ka/ne* — quatro (dois e um e um)  
*ka tcha ka/ne ka/ne ka/ne* — cinco (dois e um e um e um)
- c) *ka/ne* — um  
*ka/ne ka/ne* — dois (um e um)  
*ka/ne ka/ne ka/ne* — três (um e um e um)

e assim por diante até cinco.

ESTERMANN encontrou para cinco a série: *!ka tcha !ka tcha tchi ta !kan/e* (dois e dois e um)<sup>(1)</sup>.

Note-se que as séries *a)* e *b)* nos põem em contacto com um rudimentar sistema binário de numeração<sup>(2)</sup>. Este modo de contar figura entre os mais primitivos que ainda hoje se praticam. Usam-no certas tribos da Austrália, Nova Guiné e América do Sul.

(1) *Etnografia do Sudoeste de Angola*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1956, vol. I, p. 33.

(2) Os estudiosos que se têm ocupado dos Bochimanes do Sudoeste Africano e do Calaari depararam com análoga maneira de contar. Os Naron e Auen do Calaari, estudados por Miss BLEEK, associam, no entanto, a este sistema binário um outro próximo do quinário: o número quatro é expresso pelas palavras «dois dedos e dois dedos» e cinco por «mão», embora igualmente se use «dois e dois e um»; dez por «as duas mãos» e 15 por «as duas mãos e um pé». Repare-se em que a contagem sobe, neste caso, a 15 (Vid. I. Schapera, *The Khoisan Peoples of South Africa*. Londres, Routledge & Kegan Paul Ltd., 1955, p. 220).

As mulheres não contam de maneira nenhuma. Se se lhes pede isso, admiram-se, sorriem e dizem que não sabem. Uma mal pronunciou *ka/ne* e mais nada.

Não nos há-de, porém, surpreender a penúria desta aritmética. Povos de vida material tão simples pouco ou nada têm para contar. Nem os filhos se contam. Por mais de uma vez perguntei pelo número deles. Era uma aflição, não davam com a palavra exacta. E sempre assim: até dois tudo ia bem, depois tropeços sobre tropeços e respostas frequentemente erradas.

Não possuem, também, qualquer processo de numeração escrita.

## NUMERAÇÃO MACONDE

Quando se pede a um maconde que conte, logo utiliza os dedos das mãos. Com o indicador da mão direita e os outros dedos recolhidos baixa o mínimo da mão esquerda até à palma da mão e em seguida o anelar, médio e indicador, indo o polegar acomodarse sob o indicador, ficando o punho fechado. E vai dizendo:

- 1 — *imo*
- 2 — *mbili*
- 3 — *nmatu*
- 4 — *ncheche*
- 5 — *mwanu*

É, depois, o indicador da mão esquerda que faz baixar do mesmo modo cada um dos dedos da mão direita, e, contado o polegar, bate com os punhos um no outro ou com os dedos uns nos outros, a mão quase fechada, pronunciando o número 10:

- 6 — *mwanu na imo*
- 7 — » » *mbili*
- 8 — » » *nmatu*



Fig. 1 — Homem maconde, contando.

9 — » » *ncheche*  
 10 — *kumi*.

Se quer prosseguir, torna a contar do mesmo modo até 10, e, ao bater com os punhos um no outro, diz:

20 — *makumi mavili*.

E assim por diante até 100:

30 — *makumi matatu*  
 40 — » *ncheche*  
 50 — » *mwanu*  
 60 — » *mwanu na limo*  
 70 — » » *mavili*  
 80 — » » *matatu*  
 90 — » » *ncheche*  
 100 — » *kumi*(<sup>1</sup>).

(<sup>1</sup>) Usa-se muito em vez desta expressão o vocábulo *swahili imia*.

Note-se que, com seis palavras apenas, se conta até 100. Usa-se um sistema quinário combinado com outro decimal.

*Mwanu na imo* — cinco e um

*Mwanu na mbili* — cinco e dois etc...

*Kumi* — dez, tem o plural *makumi* e *mbili* — dois, *mavili*. Vinte diz-se *makumi mavili* — dois dez, e trinta *makumi matatu* — três dez, sendo *matatu* o plural de *nmatu*; e assim por diante.

Não se dizem números separados dos nomes dos objectos. À pergunta de

— *Vapitile vanembo dachi?*

(Quantos elefantes passaram?)

respondem com o punho fechado, por exemplo:

— *Vandipita vanembo mwanu*

(Passaram cinco elefantes)

e não «Passaram cinco». Se tiverem de res-

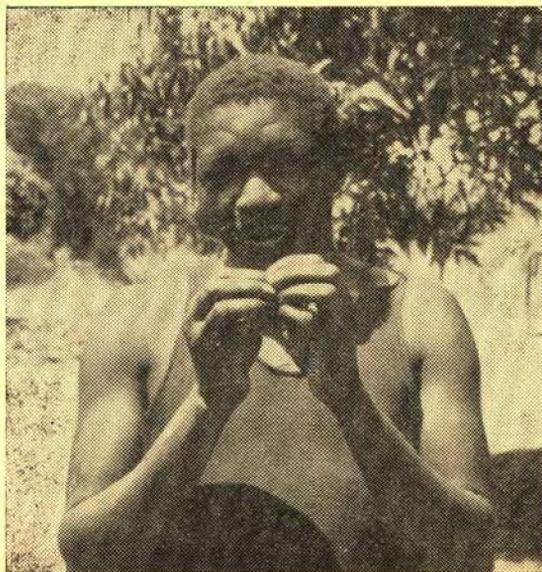


Fig. 2 — Termo da contagem.

ponder 10, acompanharão as palavras do batimento de ambos os punhos. E isto tanto de dia como de noite, ainda que os punhos se não vejam. Somam-se aqui dois símbolos do concreto: nomes e dedos.

A abstracção máxima de que são capazes, neste domínio, é a que está contida na generalidade do vocábulo *vinu* — coisas:

— *Vinu dachi?* (Quantas coisas?)

— *Vinu mwanu.* (Cinco coisas).

Não pude achar qualquer relação de sentido entre os nomes dos números e pessoas ou coisas. Em lugar de *mwanu* — cinco, empregam, às vezes, *nkono umo* — uma mão, mas é, segundo afirmam, expressão recente e usada exclusivamente para copos de cerveja: «*Ngupimila nkono umo*», Dá-me uma mão (cinco copos de cerveja).

Não têm numeração escrita. O que fazem é riscos no chão para representar as dezenas; o do número 10 fica mais comprido. O processo é principalmente usado na marcação de pontos, nos jogos.

Para contar números maiores costumam dar nós num cordel de 10 em 10 unidades. É assim que os presos somam os dias de reclusão, afirma-se. Se trazem coisas para troca e as contaram deste modo em casa, vão desatando os nós à medida que as entregam.

Também juntam um a um, em grupos de 10, os objectos que querem trocar (batata doce, bananas, papaías, laranjas, peixes). E, se não estes, pedrinhas que os representam.

Em outro tempo utilizavam igualmente os dedos dos pés. Acabados os das mãos, descia o indicador da direita ao dedo grande do pé direito e passando pelos outros e para o outro pé completavam a segunda dezena fechando o número com as palavras:

20 — *kumi na ku madodo*  
(dez e os dos pés).

Um homem vulgar sabe contar até 100 e

muitas mulheres só até 10. Para além deste número hesitam e, sorrindo, com um sacudido encolher do ombro esquerdo exclamam: *Hi! Namanya!* (Não sei). Algumas encontrei, porém, a contar com desembaraço como os homens. Uma mulher de idade levou os nú-



Fig. 3 — Mulher maconde, contando.

meros até 100, acrescentando que aprendera isso no tempo em que ia vender borracha aos Brancos.

A influência do *kiswahili* é, hoje, todavia, muito grande e uma parte dos homens usa-o para contar as centenas e os grandes números.

É escusado dizer que foi o comércio com os Brancos e os trabalhos remunerados que, principalmente, puseram os Macondes na necessidade de ampliar a sua aritmética.